

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1976

DUAS INSCRIÇÕES INÉDITAS DO MUSEU DE CASTELO BRANCO

1. No concelho de Castelo Branco, próximo da aldeia e freguesia da Lousa, na propriedade do «Vascão», pertencente ao Sr. César Janeiro Santos, foi encontrada, em 1975, uma lápide com inscrição funerária latina, oferecida em 1 de Maio de 1976 ao Museu Tavaies Proença Júnior, de Castelo Branco, onde actualmente se encontra.

A lápide é feita de material que abunda na região — o granito — e apresenta uma cor acastanhada devida à constituição do terreno em que estava enterrada.

Na parte posterior da pedra, em relação à inscrição nela verificada, existem indícios de uma pequena saliência. Aqui pode residir um factor importante que nos leva a classificar o achado em causa, como lápide ou esteia. Necessariamente ficaria à cabeceira do defunto, sobre a sepultura, encaixada numa parede próxima.

Dimensões: 45x46x13 cm. Altura das letras: 6/6,5 cm. Espaços interlineares: 1: 16 cm; 2: 7; 3: 7; 4: 7; 5: 12.

Turada / Saeld i^(ilia) / status (sic) hi(c) / est
Turácia, filha de Selco, aqui jaz sepultada.

Turada parece ser um nome feminino, pela sua forma linguística. Nesse caso, não se compreende o adjectivo *status* que apresenta uma terminação masculina. Portanto: ou *Turada* é um nome feminino e *status* tem uma forma masculina por erro do autor da

gravação; ou é um nome masculino, embora com aparência feminina, e neste caso estaria certa a concordância. Inclínamo-nos para a primeira hipótese, estando *status* em vez de *sita*.

No mapa relativo a *Turaius*, inserto em *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, de Jürgen Untermann, Madrid, 1965, aparece apenas uma só vez o vocábulo *Turada*, em Santa Ana (Trujillo). O seu radical pode relacionar-se com outros antropónimos: *Turiacus*(C) e *Tureius*, *Turaeus*(2). Pela terminação -acus denuncia a sua origem céltica (3). *Saelcus* surge-nos noutros dois monumentos, também como nome de pai: *Camalus Selci f.* (Salamanca) (4) e *Doviteina Sa[e]lci* (5).

O lapicida foi pouco cuidadoso na paginação, o que parece confirmar o primitivismo da epígrafe. Nenhuma das linhas obedece à paginação ordenada, quer no início, quer no final. Talvez por motivos estéticos, a última palavra ficou no meio da linha. É a única valorização artística, além da forma da escrita, o que nos parece intencional. A gravação das letras está em caracteres de tipo cursivo arcaico.

A esta inscrição funerária falta a fórmula inicial DMS ou similares, pelo que podemos considerá-la anterior ao séc. i ou muito posterior, quando o uso da fórmula caiu em desuso (6).

2. No concelho de Idanha-a-Nova, freguesia de Penha Garcia, foi encontrada uma ara, na fazenda denominada «Vale Feitoso», pertencente à Companhia Agrícola de Penha Garcia, oferecida em Março de 1975, pela referida companhia, ao Museu Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, onde actualmente se encontra.

É de granito, de cor cinzenta, muito granulado, da região. O fóculo está muito gasto, o que supomos intencional, pois servia

(1) LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 324.

(2) JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, 291-294.

(3) LEITE DE VASCONCELOS, *ob. cit.*, p. 375-377.

(4) JOSÉ VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana* (= ILER), Barcelona, 1971, 937.

(5) ILER 2554.

(6) R. CAGNAT, *Cours d'Epigraphie Latine*, Paris, 1914, p. 282.

de suporte a um vaso de flores. O capitel é simples, saliente em relação ao fuste sem qualquer ornamentação. O fuste encontra-se partido a 40 cm da base, dificultando a leitura, sobretudo nas linhas 4 e 5. A base está intacta, apresentando-se despida de qualquer ornamentação.

Dimensões: 98x58x42 cm. Campo epigráfico: 37x51 cm. Altura das letras: 6,5/7 cm. Espaços interlineares: 1: 2,5; 2:9,5; 3: 9; 4: 9; 5: 7,5; 6: 9; 7: 2,6 cm.

Trebaro[n] / [n] a pro sal(utem) / [T]ancinii / [S]acer[dot(es) ?] / d(e) s(ua) p(ecunia) mo(numentum l) \Frontom

Os sacerdotes (?) (erigiram este) monumento a Trebaruna, pela saúde de Tancino, a expensas suas...

Trata-se de mais um monumento epigráfico que nos revela o culto à divindade indígena, *Trebaruna*, com a aliciante de o teónimo nos aparecer mais uma vez grafado *Trebaronna* (7), enquanto que as formas supostas mais vulgares seriam: *Trebaruna*(8) e *Trebarona* (9).

A pedra apresenta-se bastante gasta e o granito, por sua vez, reforça a dificuldade de leitura. Além disso, as três últimas linhas surgem-nos com um texto de certo modo inusitado, cuja interpretação desconhecemos. Lemos *Tancinii* (por *Tancini*?) na linha 3, nome bem documentado na região (10). A paginação, porém, está bem feita, sem que nisso se verifique gosto artístico especial. Nas palavras que se conseguem ler, houve mais preocupação com a ordenação. Parece que se pretendeu mais o útil, que seria a transmissão futura da dedicação, do que a beleza artística.

(7) SCARLAT LAMBRINO, *La Déesse Trebaruna*, «Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal», 20, 1957, p. 87-94.

(8) LEITE DE VASCONCELOS, *ob. cit.*, p. 295 e 296.

(9) J. RIBEIRO CARDOSO, *Castelo Branco e o seu Alfoz*, Castelo Branco, 1953, p. 21.

(10) JURGEN UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania antigua*, Madrid, 1965, p. 170-171.

Pela decomposição da palavra *Trebaruna*, Leite de Vasconcelos classifica esta divindade como deusa penate, «segredo da casa», o génio doméstico ^(*). Este culto estava muito espalhado por toda a Egitânia e terras circunvizinhas: facto que este novo achado mais documenta.

Tendo em conta que o culto a *Trebaruna* se difundiu durante o séc. ii ⁽¹²⁾, podemos considerar dessa época o presente monumento.

JOÃO RIBEIRO

(*) LEITE DE VASCONCELOS, *ob. cit.* p. 295 e 299.

(12) SCARLAT LAMBRINO, *art. cit.*, p. 109.



1

